

A clínica e o laço

Alicia Arenas

Frente à pergunta 'quem manda', a resposta habitual era 'o mestre'; no entanto, em nossa época em que o Um abre caminho para o múltiplo, isso já não é tão certo pois, no lugar da figura do mestre em decomposição, temos múltiplas ofertas de gozo.

Lacan diz, no *Seminário 17*¹, que desde Freud a prática psicanalítica se inaugura com o discurso do mestre, acrescentando que entre o discurso do analista e o do mestre não se trata de uma questão de distância ou de estar por cima, mas de uma relação fundamental com a qual nossa prática tem que se medir. Por isso, é de interesse da psicanálise situar os significantes mestres presentes na civilização, pois precisa situar seu discurso em relação a eles.

Como se situa então a psicanálise no século XXI, com as mudanças que hoje afetam diretamente o discurso do mestre? Como ela pode manter sua relação fundamental com esse discurso, a fim de se medir com ele, se este pode sequer estar presente?

O que a psicanálise nos ensina é que quando não nos confrontamos diretamente com o discurso do mestre, o fazemos com as consequências de sua ausência. A falta de autoridade, o "tudo vale", a ausência de referências manifestam essa ausência nas diversas formas de desregulação do gozo, apresentando novos desafios às formas usuais de tratamento social do sintoma usadas pelo discurso do mestre, pois o gozo insiste apesar dos medicamentos, das modificações da conduta, das novas leis conseguidas pelos *lobbies* e das ofertas da ciência. Apenas a psicanálise se

encarrega desse "sofrer demais"² subjetivo, do qual Lacan fala em seu *Seminário 11*.

A civilização e os discursos de cada época são o meio ambiente em que o homem se cria. Por isso Lacan os torna equivalentes ao próprio inconsciente, pois há uma relação direta entre nosso inconsciente e a época em que vivemos. Uma das consequências que a psicanálise enfrenta em nossa época é que os transtornos subjetivos se apresentam sob o modo de "fechamento do inconsciente".

Não ritualizar a sessão e evitar o convencional, fazer das regras algo modificável e dar lugar à contingência no dispositivo - implica em entender que, em nossos tempos, o analista é situado muitas vezes como um *coach*, a quem se pede que acompanhe, enquanto se continua gozando.

À frase de Lacan no *Seminário 11*: "Até certo ponto esse *sofrer demais* é a única justificativa de nossa intervenção"³ podemos acrescentar a de Éric Laurent em *Cidades Analíticas*: "O homem prefere o gozo à sua autoconservação"⁴, já que ambas apontam para o coração da ética da psicanálise. Algo que o analista jamais pode esquecer é que o gozo produz sofrimento.

O certo é que, em qualquer época, aquele que pede uma análise chega com seu objeto nos ombros, querendo manter seu direito ao gozo, e o fará enquanto a interpretação que tem de seu mundo se mantiver intacta, razão pela qual nosso trabalho como analistas é retificar essa posição.

Lacan o diz claramente: homens e mulheres não se relacionam uns com outros, mas se relacionam com o falo, com o gozo fálico ou com o objeto de gozo. E isso não é diferente com o parceiro analítico; o que faz diferença é que o analista vai contra o gozo com sua intervenção, esse gozo *em excesso*.

Por isso, se o real do gozo é o que orienta o analista em sua intervenção, e o simbólico é o que permite a um sujeito encontrar um modo mais suportável de manejar o gozo

em excesso, o laço discursivo no qual um sujeito precisa entrar para se psicanalisar é parte fundamental do tratamento.

A questão paradoxal em relação ao laço discursivo é que ele se fará presente, precisamente, a cada vez que surja a evidência da "não relação", a fim de contornar o impossível, impossível que o analista, por seu lado, introduz com sua presença e com seu ato.

Quando dizemos que hoje nos encontramos com sujeitos que se evadem, radicalmente, da dimensão do simbólico, é porque desse modo excluem a "não relação" no dispositivo, buscando a complementação.

Fazer surgir a pergunta que corresponde ao Outro, *Que vuoi?*, é uma tática que instala o campo do desejo e introduz na experiência a dimensão discursiva, mas isso não é possível sem a demanda de amor, pois é isso que induz a registrar a presença do analista como Outro, para ir mais além do uso que se quer fazer dele e de seu *coaching*.

É por intermédio dessa demanda de amor que o discurso analítico poderá se instalar, no qual se induz o analisante a também amar seu inconsciente e se perguntar sobre ele.

O discurso analítico é o laço com o Outro que introduz o campo do simbólico pela via do laço social. Lacan dirá que "há apenas isto, o liame social"⁵. É o que colocará no primeiro plano, em sua clínica borromeana, um laço com o Outro que enode algo de seu real.

É o próprio laço como modo de tratamento do real no dispositivo analítico e também no mundo. Quando os laços não funcionam, o real emerge e a impossibilidade se torna presente de um modo insuportável, disparando o autismo do gozo.

Miller, em *O lugar e o laço*⁶, diz que a experiência psicanalítica é um forçamento do autismo entre dois, graças à linguagem. Um forçamento do Um do gozo graças ao Outro da linguagem.

A linguagem, o discurso, o laço, tratamento do real descoberto por Freud que Lacan atualiza, situando-o na época e oferecendo ao psicanalista do século XXI ferramentas com as quais o inconsciente transferencial permite contornar, afetar, o inconsciente real.

Tradução: *Elisa Monteiro*

¹ LACAN, J. (1992[1969-1970]). *O seminário, livro 17: o avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

² Idem. (1998[1964]). *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, p. 158.

³ Idem. *Ibidem*.

⁴ LAURENT, É. (2004). *Ciudades Analíticas*. Buenos Aires: Editorial Tres Haches.

⁵ LACAN, J. (1985[1972-1973]). *O seminário, livro 20: mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, p. 74.

⁶ MILLER, J.-A. (2001-2002). "Curso de orientação lacaniana III, 4: El Lugar y el Lazo". Inédito.